

'Minha tolerância chegou ao limite'

Fernando Henrique diz que não aceitará mais contestações da base aliada a suas decisões

Cristiane Jungblut

BRASÍLIA

Cansado das brigas entre os aliados e às voltas com a escolha de um novo diretor para a Polícia Federal, o presidente Fernando Henrique Cardoso mandou ontem um recado às forças que disputam espaço no Governo: sua tolerância chegou ao limite. Em discurso a estagiários da Escola Superior de Guerra, afirmou duas vezes que sua paciência havia se esgotado e afirmou que o Brasil não pode mais suportar brigas corporativas.

Fernando Henrique reafirmou sua autoridade como presidente e avisou que não permitirá contestações às suas decisões. A declaração foi interpretada como um recado de que não aceitará críticas ao nome do novo diretor da PF.

— O Brasil tem que ter uma visão muito clara do seu destino, dos seus objetivos, a democracia implica isso. Se bem que a democracia implique a compreensão do outro, em certos graus de tolerância, devo dizer que, no meu caso, a minha tolerância chegou ao limite. Chegou ao limite. Chegamos ao momento em que precisamos marchar juntos pelo rumo escolhido pelo povo, e o presidente representa isso — disse.

Fernando Henrique deixou claro que os partidos, a PF e o setor militar do Governo terão que respeitar sua escolha.

— E, em qualquer campo, a decisão tomada há de ser respeitada. Não pode ser decisão que a cada instante seja objeto de contestação por quem quer que seja. Não de contestação como crítica, que sempre é possível. Mas contestação que diz respeito à não-cooperação daqueles que estão na obrigação ou moral, porque são partidários e aliados, ou institucional, porque são partes do Estado, de levar adiante os programas de transformação. Não podemos transigir naquilo que é essencial. E o essencial é que o Brasil não perca o seu amor à democracia, à hierarquia, à disciplina, a uma convivência fraterna — disse.

E acrescentou: — Que não nos percamos em discussões vãs e numa permanente inolação do que não tem que ser imolado!

Presidente vai se reunir com presidentes e líderes de partido

Fernando Henrique vai se reunir esta semana com presidentes e líderes dos partidos aliados. Assim como fez com os ministros, vai cobrar o fim das disputas. O ministro das Comunicações, Pimenta da Veiga, disse que o presidente vai estabelecer regras de convivência com os partidos da base. O presidente conversou sobre o trabalho de reunificação da base ao almoçar ontem com Pimenta e com o vice Marco Maciel.

— O Governo deve ditar as regras e os partidos devem se solidarizar com elas ou repeli-las. Mas não distingo partidos, não acho que A, B ou C é melhor ou pior do que qualquer outro. Estou certo de que o presidente estabelecerá as regras. O presidente tem maioria sólida e firme no Congresso e agirá de acordo com esses fatos e com sua autoridade — disse Pimenta.

Outros aliados também sugeriram a Fernando Henrique que se reunisse com os partidos. O primeiro encontro deverá ser com o presidente do PFL, senador Jorge Bornhausen (SC).

Fernando Henrique mandou o recado no momento em que falava da necessidade de as Forças Armadas e a Polícia Federal se unirem para combater as drogas. Com a criação da Secretaria Nacional Antidrogas, subordinada ao chefe da Casa Militar, general Alberto Cardoso, aumentou a disputa pelo setor.

— Temos conversado com as Forças Armadas a respeito das drogas e certamente não há de ser para transformá-las em polícia, que não são. E nem há de ser para anular a ação da polícia. Mas precisamos ter aí um entendimento mais amplo — disse.

FH diz que MST está fazendo agitação política, e não defesa de direitos

Fernando Henrique criticou a politização do MST e avisou que o Governo dará uma "resposta dura" às invasões.

— É uma agitação política e sabe Deus com que propósitos. E não vamos confundir o legítimo interesse de obter, o direito de obter terra e trabalho, com a permanente perturbação da ordem através de meios violentos, da ocupação de prédios, da desordem. Isso é inaceitável e está chegando a um ponto que será difícil que a continuidade dessas práticas não encontre uma resposta dura por parte daqueles que são responsáveis pela democracia — disse.